

textos de
Hanna Diab

A viagem das Mil e uma noites

seleção, tradução
e apresentação de
Mamede Mustafa Jarouche

imagens de
Laleh Khorramian

Sob qualquer ângulo pelo qual seja analisada, a tradução das *Mil e uma noites* empreendida por Antoine Galland e publicada entre 1704 e 1717 consistiu em um marco da história literária. Trata-se de um trabalho que na literatura francesa se tornou um “clássico” – qualquer que seja a concepção que se tenha desse termo. Para realizá-lo, Galland lançou mão de várias fontes: a primeira delas foi um manuscrito do próprio livro, o único manuscrito até então conhecido na Europa, hoje depositado na Bibliothèque Nationale de France (BNF) e catalogado como “Arabe 3609-3610-3611”. Era, contudo, um manuscrito incompleto, se é possível dizê-lo, pois, embora tivesse o título de *Livro das mil e uma noites*, continha apenas 282 noites. Para além da aritmética mais comezinha, a pergunta que essa diferença impõe é outra: de onde Galland terá retirado material para a sua tradução, que contém efetivamente 1.001 noites? A análise superficial evidencia uma primeira fonte básica: materiais escritos contendo histórias que não tinham relação com as *Mil e uma noites*. Nesse caso, o procedimento foi simples: ele traduziu tais histórias, dividiu-as por noites e as incluiu no livro, simplesmente. A segunda fonte é explicitada nas suas anotações diárias, que foram publicadas bem depois de sua morte: em algum ponto dessas notas, no período correspondente a março de 1709, Galland começa a se referir a um homem chamado Hanna Diab, a quem ele às vezes chama de Jean Dipi, um “maronita alepino” (embora em uma das menções o chame de “damasceno”). Segundo as anotações, esse homem, que viera à França na companhia de Paul Lucas, um dos viajantes a serviço de Luís XIV, contou a Galland várias histórias, mais exatamente 17, dez delas incorporadas à sua tradução: “Aladim”, “Aventuras de Harun ar-Rachid”, “O cego Baba Abdallah”, “Sidi Numan”, “Coja Hassan”, “Ali Babá”, “Ali

Coja”, “O cavalo encantado”, “O príncipe Ahmad” e “As duas irmãs invejosas da irmã mais nova”. Como Galland dá o resumo de nove dessas narrativas em seu diário, qualquer comparação evidenciará que, ao incorporá-las à tradução, ele alterou muita coisa, ainda que tenha mantido o cerne, ou a espinha dorsal, da narrativa. De pelo menos uma das histórias, precisamente a de Aladim, Galland afirma explicitamente ter recebido um relato escrito pelo próprio Hanna, conquanto não fique claro se a redação estava em árabe ou em francês. Também não sabemos com exatidão como se dava esse processo de narração de histórias: em que língua Hanna contava as histórias a Galland, se em árabe, se em francês, nem como eram tomadas as notas, isto é, se ele anotava enquanto ouvia e depois passava a limpo, ou se somente o fazia mais tarde, ou dias depois, baseado exclusivamente na memória. A presença de Hanna é citada até 1710, quando então Galland informa que ele se encontrava em Marselha, pronto a embarcar de volta para a Síria.

As referências de Galland a Hanna são tópicas, eivadas de lugares-comuns usados para construir personagens fictícias, e a própria aparição de Hanna foi, evidentemente, de grande conveniência para Galland; ademais, não se conhecia menção alguma a ele em nenhum outro documento, em árabe ou francês: nem mesmo o viajante Paul Lucas, que levava Hanna a Paris, o menciona nos três volumes de relatos de viagem que escreveu – ou que foram escritos para ele. Isso tudo transformava Hanna Diab numa figura por assim dizer fantasmática, cuja existência era atestada por uma única fonte, Galland, um arabista claramente interessado em conferir verossimilhança à sua própria atividade.

No entanto, já em 1993, o linguista francês Jérôme Lentin, estudioso de dialetologia árabe,

em artigo que, estranhamente, não circulou nem, ao que parece, teve maior repercussão, havia revelado a existência, na Biblioteca Apostólica Vaticana, de um manuscrito do relato da viagem de Hanna a Paris, redigido de próprio punho. Mais tarde, outro estudioso, o também francês Bernard Heyberger, referiu ter encontrado um documento no qual se faz menção a um certo “Hanna Diab” em um recenseamento da comunidade cristã maronita de Alepo realizado pelas autoridades otomanas na década de 1740. São estudos que, por algum motivo, não obtiveram a repercussão desejável. Pense-se, por exemplo, na revolução provocada pela eventual descoberta de um manuscrito de próprio punho de Cide Hamete Benengeli!

Assim, a questão somente se aclarou com a publicação, em 2015, da tradução francesa do relato de viagem de Hanna, sob o título de *D’Alepe à Paris: les pérégrinations d’un jeune syrien au temps de Louis XIV*, pela editora Actes Sud (coleção Sindbad, dirigida por Farouk Mardam-Bey), com tradução de Jérôme Lentin, Bernard Heyberger e Paule Fahmé-Thiéry. O trabalho, realizado a partir do único manuscrito existente, divulgou a existência física, real e efetiva de Hanna Diab, desmontando inteiramente quaisquer dúvidas que ainda pairassem sobre a existência dessa personagem, nascida por volta de 1689 e provavelmente morta na segunda metade da década de 1760.

O manuscrito, depositado na Biblioteca Apostólica Vaticana sob a identificação “Sbath 254”, foi doado a essa instituição pelo padre alepino Paul Sbath (1887-1945) no ano de 1926, em meio a um conjunto de 775 manuscritos por ele coletados na região. Não se sabe ao certo quem, no meio da papelada, distinguiu o manuscrito de Hanna. O fato é que ele se compõe de 175 folhas numeradas com o carimbo da própria Biblioteca Apostólica, de 1 a 174 – a última folha não recebeu carimbo,

embora contenha informações importantes, como o nome completo do autor. Como faltam no mínimo outras cinco folhas no início do documento, parece evidente que esse extravio é anterior à doação do material à biblioteca. Note-se que, curiosamente, ninguém no mundo árabe tentou fazer uma edição desse manuscrito, que somente foi publicado em 2017 graças aos esforços do autor do presente texto e de sua colega Safa Jubran, e também ao grande interesse manifestado pelo editor, o poeta iraquiano Khalid al-Maaly, da editora Al-Jamal, de Beirute/Bagdá.

Trata-se, conforme se afirmou, de um manuscrito de próprio punho de Hanna Diab, iniciado e finalizado no ano de 1764. Não se sabe bem por qual motivo – talvez a informação constasse do início do manuscrito, em alguma das folhas extraviadas – ele resolveu, àquela altura da vida, empreender a redação dessas memórias de eventos passados havia mais de meio século, mas o fato é que ele o fez, explicando, de forma muito conscienciosa, que poderia eventualmente falhar aqui e acolá devido ao lapso de tempo, em clara demonstração de que não dispunha de anotação alguma. Mesmo Galland é referido no texto apenas como “o velho”. Hanna não se lembra de seu nome, mas, entre outras referências, faz uma muito valiosa:

Naqueles dias [no inverno de 1709], eu me senti meio deprimido e chateado de morar naquele país. Éramos visitados muitas vezes por um homem velho encarregado da biblioteca de livros árabes, que lia bem o árabe e passava livros em árabe para o francês. Entre outros, naquele momento ele estava traduzindo um livro árabe para o francês, e era o livro de histórias das *Mil e uma noites*. Esse velho buscava a minha ajuda para algumas coisas que não entendia, e então eu explicava para ele. Faltavam no livro umas

noites, e daí eu contei para ele umas histórias que eu conhecia e ele terminou o livro com essas histórias e ficou bem satisfeito comigo, e prometeu que qualquer pedido meu ele atenderia de bom coração.

Embora a memória de Hanna estivesse um tanto ou quanto esmaecida a respeito das *Mil e uma noites* e do próprio Galland, cujo nome lhe escapava, esse trecho evidencia que ele se recordava bem de haver colaborado com o tradutor, o que constitui um testemunho decisivo de sua participação fundamental para a confecção da obra. Esse homem modesto, cuja colaboração com Galland contribuiu não apenas para a finalização do livro, mas também para a própria economia da indústria de entretenimento em escala mundial, era uma figura medularmente religiosa, católica, crédula, enfim, um tipo pré-moderno em sentido estrito. Em mais de um momento de seu relato, Hanna evidencia consciência de que estava exercendo o papel de criatura exótica, parte do cenário orientalista que a certa altura se monta na corte de Luís XIV. Apesar de sua clara aversão ao Islã e de suas arraigadas convicções católicas, ele parece não se importar quando um dos membros da corte diz, ao apontar para ele, “vejam a espada desse muçulmano”, preferindo apenas observar que se tratava de uma adaga, e não de uma espada, e passando ao largo da referência equivocada à sua religião.

Em seu relato de viagem, Hanna conta várias histórias, algumas por ele presenciadas e outras, sem dúvida, narradas por italianos e franceses com os quais travara contato durante a sua estada na Europa. Se nos falamos muito a respeito de sua *forma mentis*, também nos falamos a respeito da mentalidade de quem as contava para ele. Selecionaram-se aqui algumas delas, consideradas exemplares. Como o

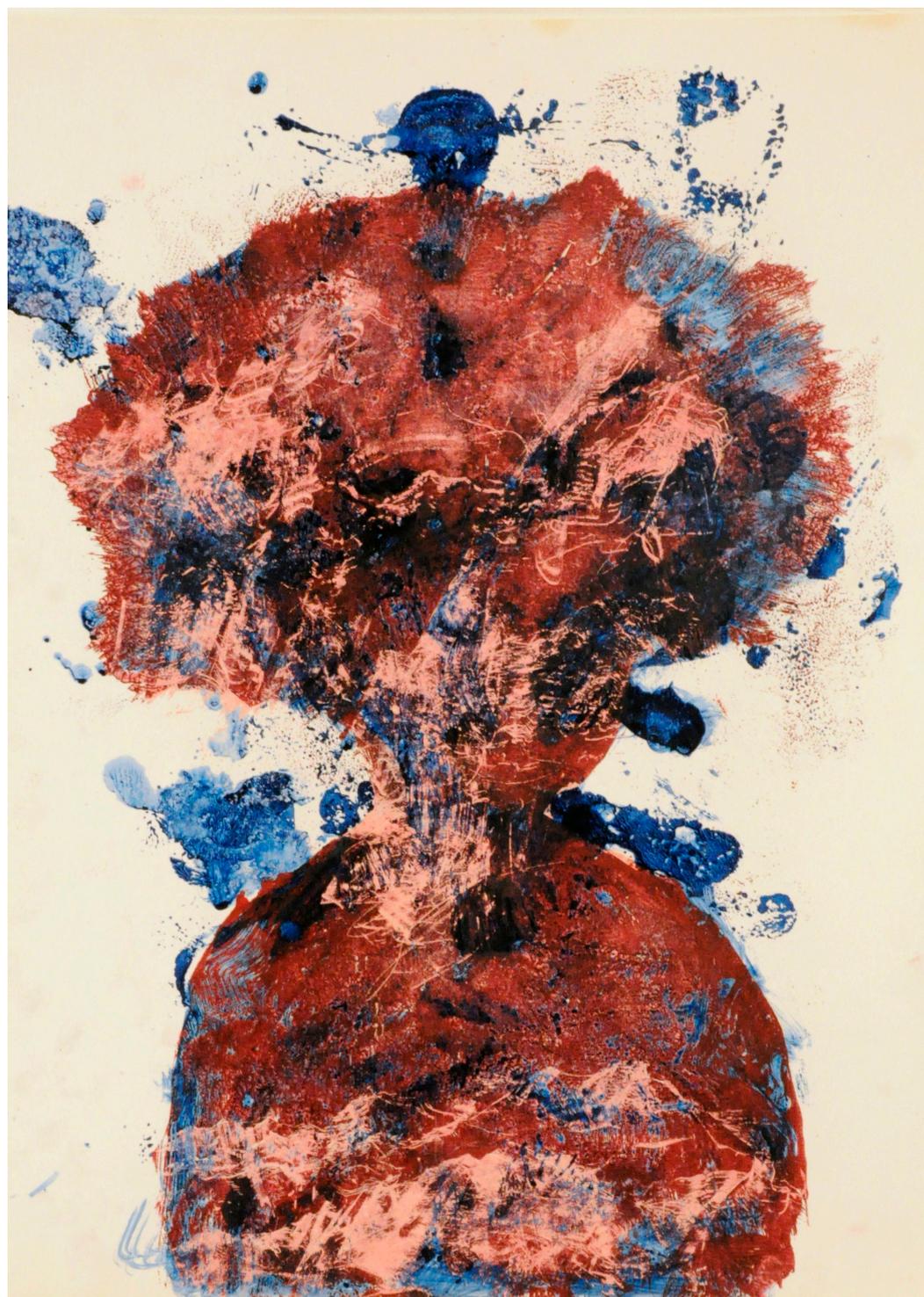
original está redigido em um árabe que, sem ser estritamente coloquial, afasta-se inteiramente da norma da gramática padrão, a tradução tentou ser o mais solta possível, muito embora os efeitos não sejam exatamente os mesmos nas duas línguas, uma vez que a diglossia do árabe ainda não é uma característica do português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DIYĀB, Hannā. Manuscrito Sbath 254 da Biblioteca Apostólica Vaticana.
- _____. *Min Halab ilā Bārīs*. Edição de Safa Jubran e Mamede Jarouche. Beirute/Bagdá: Al-Kamel Verlag, 2017.
- _____. *D’Alepe à Paris*. Tradução para o francês de Jérôme Lentin, Paule Fahmé-Thiéry e Bernard Heyberger. Arles: Actes Sud, 2015.
- GALLAND, Antoine. *Le Journal d’Antoine Galland (1646-1715)*. Edição de Frédéric Bauden e Richard Waller. Paris: Peeters, 2011.

Mamede Mustafa Jarouche (1963) é professor de literatura árabe da Universidade de São Paulo. A partir de manuscritos originais, traduziu para o português *O livro das mil e uma noites* (editora Globo). Em 2005, ano de lançamento do primeiro dos quatro volumes da obra, teve sua tradução premiada pelo Jabuti, pela Associação Paulista dos Críticos de Arte e pela Biblioteca Nacional.

Nascida em Teerã e radicada em Nova York, a artista visual iraniana **Laleh Khorramian** (1977) trabalha com cinema, animação e artes plásticas. Nas obras aqui reunidas, mescla técnicas de desenho, colagem e gravura para sugerir retratos e paisagens que evocam elementos da cultura islâmica.



I. O elixir da longa vida

Tive a seguinte notícia sobre um viajante, notícia essa que está registrada no livro do Mosteiro de São Francisco, na cidade de Paris. Sabe-se que no feriado relativo àquele santo se concede perdão pleno a quem se confessa e comunga no santo sacramento. Ocorreu então que, estando certo sacerdote instalado na cadeira do seu confessionário para receber as confissões dos fiéis, diante dele ajoelhou-se um rapaz de belíssima aparência e pediu que aceitasse a sua confissão. O sacerdote traçou sobre ele o sinal da cruz e disse:

– Faça sua confissão, meu filho! Quanto tempo faz que você se confessou?

O rapaz respondeu:

– Meu padre, faz 60 anos que não me confesso.

Espantado com tais palavras, o sacerdote disse:

– Que brincadeira é essa? Por acaso você não sabe que no sacramento da confissão não pode haver brincadeiras nem mentiras?

O rapaz disse:

– Por que me diz essas palavras, meu padre? Seria eu ignorante e louco a ponto de mentir para você e para o próprio Deus altíssimo?

O sacerdote respondeu:

– Você está certo, meu filho. Mas como eu poderia acreditar que faz 60 anos que não se confessa se você tem no máximo 30 anos? Vá se confessar com outro. Eu não posso receber a sua confissão até me certificar dessa história. Só então poderei aceitá-la.

O rapaz disse:

– Venha comigo até o mosteiro, e eu o certificarei do meu caso de maneira exata.

O sacerdote aceitou e subiram juntos ao mosteiro. O sacerdote entrou em sua cela e convidou o rapaz a entrar. Sentaram-se, e o sacerdote o indagou sobre a verdade do seu caso. O rapaz respondeu:

– Se é sobre mim que você pergunta, padre, sou natural desta terra, e quando saí em viagem eu tinha 40 anos. Durante 60 anos viajei por terras distantes, em busca de ervas e drogas descritas em livros antigos. Encontrei então a erva que eu procurava, que era a erva do elixir [da longa vida], chamada nos livros dos filósofos gregos de pedra filosofal, e com essa erva produzi um pó, e quando o experimentei vi a sua ação tal como descrita naqueles livros, ou seja, se a pessoa utilizar o correspondente a um grão desse pó, fica a salvo de sintomas e doenças por dez anos, e permanece com saúde tal como nos dias da juventude. Passei a utilizar o equivalente a um grão desse pó a cada dez anos e permaneci, como você está vendo, na condição da juventude. Foi isso o que me iludiu e me fez esquecer a morte, e negligenciei a salvação da minha alma. Mas agora Deus teve piedade de mim, tocando o meu coração com sua graça: acordei desta funesta sonolência e soube que, sem escapatória, irei morrer – pois Deus, exalçado seja o seu nome, impôs a morte ao homem – e que nem mesmo os filósofos que utilizaram essa erva escaparam à morte. Foi esse o motivo de eu ter retornado à minha terra e pedido a confissão e a penitência antes da morte.

Ao ouvir as palavras do jovem, o sacerdote, espantado, perguntou:

– Restou com você algo desse elixir do qual está falando?

O jovem respondeu:

– Sim, tenho aqui comigo.

O padre perguntou:

– Você gostaria de me dar uma parte dele para que eu o experimente e me certifique se as suas palavras são verdade ou mentira?

O jovem respondeu:

– Claro.

Tirando do seu alforje um pote de prata, entregou ao padre dez grãos e disse:

– Se você utilizar um desses grãos a cada dez anos, viverá 100 anos mais do que o tempo que já viveu.

O sacerdote recolheu os grãos e depois recebeu a sua confissão geral, fê-lo arrepender-se de seus pecados, deu-lhe absolvição, determinou uma penitência e o dispensou. Em seguida, o sacerdote pôs-se a refletir sobre como poderia experimentar aqueles grãos, ocorrendo-lhe então que no mosteiro vivia um velho cachorro tão entrado em anos que já não tinha forças para andar e ao qual levavam numa bacia um pouco de sopa para que ele a lambesse deitado. O sacerdote pegou então um daqueles grãos, dissolveu-o em um pouco de sopa e colocou-a diante do velho cão, que a lambeu tal como estava habituado. O sacerdote então o deixou, recolhendo-se à cela para ler o breviário e, após as preces, saiu para olhar o cachorro, que viu andando pelo pátio do mosteiro, aos saltos: suas forças lhe tinham retornado tal e qual na juventude. Nesse momento, o sacerdote se certificou da veracidade das palavras do jovem e depois descreveu a ocorrência num papel, afirmando no fim:

– Se vocês não acreditam em mim, olhem para o velho cachorro, como recuperou a saúde e como as suas forças voltaram.

E, deixando o papel sobre a escrivaninha, foi-se embora, e nunca mais ninguém encontrou rastro algum daquele sacerdote. Quando os monges foram procurá-lo e não o encontraram, pediram permissão ao chefe do mosteiro para quebrar os cadeados de sua cela; entraram, viram aquele papel sobre a escrivaninha e após o terem lido, espantados, acorreram para ver o cachorro, constatando então que ele estava tal e qual o sacerdote descrevera. Nesse momento, a notícia se espalhou pela cidade de Paris, e as pessoas acorreram ao mosteiro para ver o supracitado cachorro. Em seguida, escreveram essa notícia no livro de registros do mosteiro.

E é visível, também, que o meu mestre [Paul Lucas] tinha mais de 60 anos de idade, mas, se você olhasse para ele, não lhe daria mais de 30.



2. A Virgem Maria “cabeçuda”

Agora informo o que ouvi de pessoas honestas sobre a existência desta honrada imagem da Virgem Maria e sobre a fundação de sua igreja na Montanha Negra de Livorno.

O fato é que um pastor da região passou certo dia pela montanha e encontrou entre os rochedos uma imagem da Virgem Maria. Ao observá-la, o pastor a considerou muito bela, e, retirando-a do meio dos rochedos, pendurou-a numa das árvores do lugar. Na hora de ir embora, ele pensou:

– Vou levar esta imagem para a cidade e entregá-la ao bispo, e quem sabe ele me dá algum óbolo.

Assim, ao anoitecer, o pastor pegou a imagem, foi até o bispo e a entregou a ele. Ao examiná-la, sua senhoria, o bispo, viu que era bem rara, trabalho de um mestre hábil, e perguntou-lhe de onde viera aquela bela imagem. O pastor respondeu:

Eu a vi na Montanha Negra, atirada entre os rochedos, e então a trouxe para sua senhoria.

O bispo agradeceu, deu-lhe um óbolo e o dispensou. No dia seguinte, o pastor conduziu seu rebanho e, como de hábito, dirigiu-se à mesma montanha. Ao passar pelo local, viu a mesma imagem jogada entre os rochedos, tal como no primeiro dia, e, admirado, tornou a pegá-la e levá-la ao bispo, que, ao vê-la com ele, ficou estupefato e perguntou:

– Onde você encontrou essa imagem?

O pastor respondeu:

– Vi-a no mesmo lugar onde a vi no dia de ontem, entre os rochedos.

Espantado, o bispo mandou um discípulo verificar se a imagem estava em sua cela, no local onde a pendurara. O discípulo voltou e disse que não a vira. O bispo ficou mais espantado, deu mais um óbolo ao pastor, dispensou-o e pendurou a imagem em sua cela, no mesmo lugar de antes. No terceiro dia, o pastor passou pelo mesmo local e viu a imagem no mesmo ponto. Atônito, e sendo um homem ingênuo, esse pastor pensou:

– Alguém está tirando a imagem da cela do bispo e atirando-a neste local.

E novamente a recolheu e a levou até o bispo, a quem disse:

– Meu senhor, eu acho que algum criado seu está retirando-a e colocando-a naquele lugar.

Nesse momento o bispo correu à sua cela e, não vendo a imagem, teve certeza de que esse prodígio era da Virgem Maria e que ela queria ter um santuário naquela montanha. Imediatamente chamou todos os padres, sacerdotes, chefes de mosteiro e, enfim, todo o clero, ordenando-lhes que se reunissem todos na sede do episcopado vestidos com o hábito religioso, e que os diáconos portassem velas e incenso, e saíssem, com pompa, em procissão geral. No dia seguinte todos se reuniram, conforme ordenara sua senhoria, o bispo, à citada procissão, e quando terminaram o bispo ergueu a imagem sobre a cabeça com todo o respeito e veneração, conduzindo-a até a referida montanha; trouxeram o pastor e lhe perguntaram o local onde a encontrara, e ele lhes mostrou. O bispo deu um passo adiante e deu a boa-nova da construção da igreja naquele local. Então mandaram trazer construtores e pedreiros, e começaram a construir a igreja. Fizeram um templo especial para a imagem da virgem Maria. E desde então, até agora, essa terna mãe continua operando milagres maravilhosos para todos quantos a ela recorrem e lhe pedem, com fé, o que desejam obter. Foi isso que vi e ouvi sobre essa senhora das senhoras que vive na Montanha Negra, e a notícia a seu respeito é famosa em todo o orbe cristão, a tal ponto que, quando passa algum navio por debaixo de sua igreja, seja de que confissão for, ele não pode senão prestar obediência a essa senhora das senhoras e disparar canhões em sinal dessa obediência. E se acaso passar e não o fizer, será inevitavelmente atingido por alguma desgraça e se quebrará, e isso é algo que se conheceu na prática. E quem não acreditar em mim que pergunte a quem foi para aquele lugar sobre a verdade desta notícia.





3. A cura

Ademais, este humilde servo caiu doente com tremores e febres, e fiquei com essa doença por duas semanas. Nesse período, veio-nos de Gênova a notícia de que ali haviam aportado três galeras do sultão da França vindas de Messina, transportando filhas de nobres que haviam ido até lá visitar uma princesa. Ao ouvir essa notícia, meu mestre [Paul Lucas] ficou muito contente e imediatamente quis viajar até Gênova a fim de embarcar numa dessas três galeras e ir até Marselha, sem medo de piratas. Depois de ter se arrumado para viajar, ele me disse:

– Você está doente e não pode viajar comigo. Fique aqui até melhorar e eu o espero em Marselha.

Fiquei muito triste ao ouvir tais palavras, estando longe da minha terra e doente. Então implorei à terna mãe, a Virgem Maria. Naquele momento, um velho filósofo veio se despedir do meu mestre. Vendo-me naquele estado – ele me conhecia porque eu o visitava com meu mestre – perguntou-me:

– O que você tem? O que lhe ocorreu?

Contei-lhe da minha doença e que o meu mestre pretendia viajar e me deixar ali. Ele disse:

– Nada tema! Se Deus quiser, você vai viajar com ele. Esta noite, daqui a quatro horas, quero você na minha casa.

E saiu. Esperei que se passassem as quatro horas, fui até ele e o encontrei à minha espera. Perguntou:

– Em que momento do dia lhe ocorrem tremores?

Respondi:

– Eles me pegam às nove horas e duram até o começo da tarde. Depois me vem a febre, que fica até o anoitecer. Depois disso melhora.

Então ele tirou de sua despensa uma garrafa de cristal e encheu uma garrafa pequena com o seu conteúdo, trinta medidas de um líquido destilado, deu-a para mim e disse:

– Beba um terço na hora de dormir, o outro terço quando começarem os tremores, e o outro terço de novo na hora de dormir. E se, pelo resto da vida, você tiver tremores, pode brigar comigo.

Agi como ele ordenou e os tremores me abandonaram: nunca mais os senti até hoje, que estou com 75 anos. E isso eu alcancei pela graça da Virgem Maria, à qual pedi socorro naquele tempo em que estive doente.





4. O socorro da Virgem Maria

Cinquenta anos após esses fatos, ocorreu a este humilde escriba a perda de um valor correspondente a 1.100 piastras. Quarenta dias após a perda, já sem esperanças e certo da ruína de meu lar, ocorreu-me pedir socorro à Virgem Maria da Montanha Negra. Naquela mesma noite a pessoa que me subtraíra o dinheiro confessou o que havia feito a um sacerdote, e esse sacerdote serviu de intermediário a um homem próximo de mim, e me deu a boa-nova da recuperação do que me fora subtraído, sem que eu soubesse quem o roubara. No dia seguinte me trouxe a quantia, da qual não faltava absolutamente nada. Agradei o dinheiro dado pela Virgem Maria, a senhora dos milagres.

5. Memória

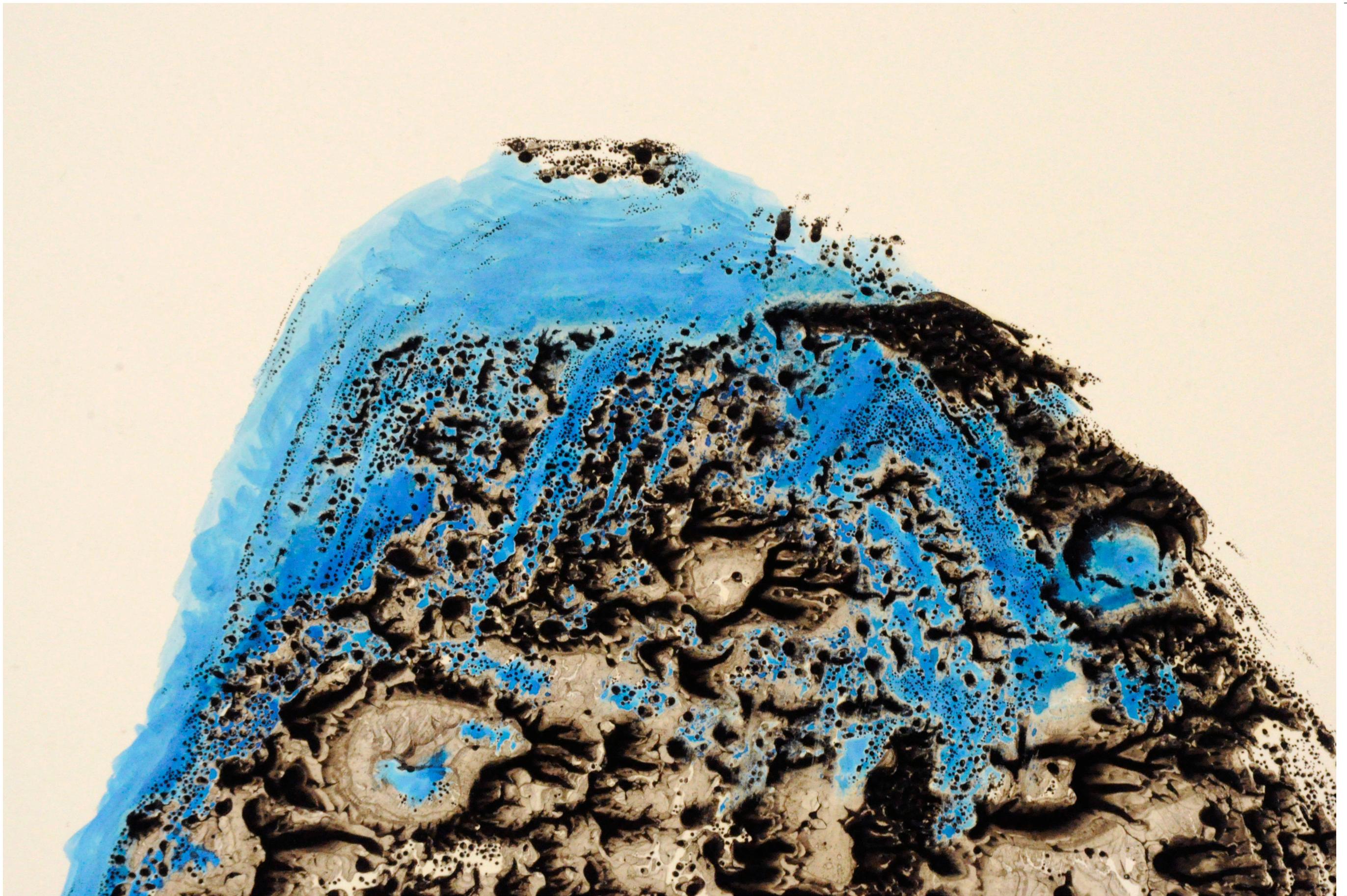


Tudo o que aqui mencionei é muito bem certificado, sem adição nem subtração, só que eu escrevi resumidamente para que o leitor não imagine que eu estou me pavoneando, pois vi muitas coisas que não registrei e que nem mesmo continuam em minha memória, passados 54 anos: ao escrever este relato de viagem e estas notícias, estou no ano de 1764, sendo que eu estive na cidade de Paris no ano de 1709. Será que me voltaria à memória tudo quanto vi e ouvi, por inteiro? De jeito nenhum!

6. A pena de morte na França

Certo dia, passando por uma das ruas de Paris, vi um sujeito correndo e gritando “a sentença!”, com folhas impressas na mão. As pessoas compravam dele essas folhas por duas moedas de prata. Pedi esclarecimentos a alguém que eu conhecia, perguntando-lhe: “O que são essas folhas, e o que é a sentença?”. Ele respondeu: “Essas folhas fazem o registro da pena de morte por enforcamento aplicada a algum criminoso”. E começou a me contar como se dava o tal registro, e era assim: quando a lei decide aplicar a pena de morte a um homem, isso se dá às dez horas, duas horas antes do meio-dia; isso se escreve na folha de crimes de tal homem, e também como, em conformidade com o seu crime, ele se tornou merecedor do enforcamento ou da quebra de ossos ou do decepamento da cabeça ou de alguma das diversas execuções que se aplicam aos criminosos. Depois da expedição desse registro pelas mãos do juiz, ele é recolhido e impresso em folhas, que então passam a circular pela cidade, sendo vendidas cada uma por duas moedas de prata. Quanto ao criminoso condenado à pena de morte, ele é levado a uma igreja no interior do tribunal, onde é recebido pelo confessor geral, que o faz confessar-se por duas horas, até o meio-dia. Concluída a confissão, o confessor o faz penitenciar-se e lhe dá a absolvição; nesse momento, servem o almoço para o sacerdote, que come junto com o criminoso; ao terminarem, o sacerdote vai embora e entra um monge agostiniano para o admoestar, consolar e encorajar, permanecendo junto dele até o entardecer. Nesse momento, chega o carrasco, bate na porta,

entra e coloca as cordas no pescoço do criminoso, tirando-o então da igreja, e todos os três descem as escadarias do tribunal e montam numa charrete – o monge, o criminoso e o carrasco, os quais são conduzidos até o lugar determinado pelo oficial, e ali o carrasco sobe as escadas montadas até o patíbulo do enforcamento, seguido pelo criminoso, que para aos pés do carrasco, e depois dele sobe o monge, crucifixo em mãos, erguendo-o diante dos olhos do criminoso a fim de fazê-lo arrepender-se e de encorajá-lo para a morte. Nesse momento, o monge se volta para o povo e faz as pessoas começarem a oração pela alma dos mortos, e então todos rezam aos gritos, e quando terminam iniciam uma nova oração, enquanto o monge prossegue na exortação ao total arrependimento. Encerrada a segunda oração, o monge se volta para o povo e o estimula a pedir à Virgem Maria, aquela que intervém pelos pecadores, que salve a alma que está partindo deste mundo. As pessoas começam a rezar em prantos, às lágrimas, pedindo à Virgem Maria que intervenha por aquela alma. Depois disso, o monge faz o sinal da cruz sagrada sobre o criminoso e desce as escadas. Nesse momento, o carrasco empurra o criminoso, o qual está com a corda no pescoço, e monta em seus ombros, colocando a cabeça do criminoso entre as pernas, e o chacoalha no ar três vezes, descendo em seguida. Então, descem o enforcado, colocam-no numa charrete e os médicos o compram do carrasco e o levam para a sua escola para cortá-lo e ensinar aos alunos.



7. Uma lâmpada na tumba

[...] Quando amanhecemos [na aldeia de Kaftin, na Síria], o almocreve nos disse que pretendia passar aquele dia na aldeia, conforme era o hábito. Quando o meu patrão [Paul Lucas] ouviu que a caravana passaria aquele dia na aldeia, começou a perguntar aos moradores se existia ali por perto alguma construção antiga do tempo dos reis cristãos. Indicaram-lhe então uma montanha próxima da aldeia, à distância de uma hora, e disseram que ali havia construções cristãs, um convento e uma igreja, mas tudo em ruínas, e em algumas pedras havia inscrições em língua estrangeira. Ao ouvir tais palavras, meu patrão chamou o almocreve e lhe disse: “Eu quero ir ver essa montanha”. O almocreve respondeu que “nesse lugar encontram-se ladrões e beduínos, e eu temo que o assaltem”. Ele disse: “Isso não é da sua conta; traga-me já as montarias para partirmos”. Então o almocreve alugou um dos pangarés da aldeia, porque as suas montarias estavam todas cansadas e ele queria dar-lhes descanso para que pudessem viajar no dia seguinte. Assim que trouxeram o pangaré, preparamos as provisões, comida e bebida, e contratamos quatro ou cinco atiradores para nos acompanharem, prevenindo-nos contra os ladrões; viajamos e subimos a tal montanha, caminhamos um pouco nela e vimos então as construções das quais nos haviam falado os moradores de Kaftin. Paramos ali, e o meu patrão pôs-se a circular pelo local copiando as inscrições que havia em algumas pedras. Quando acabou de copiar, fomos a um lugar onde encontramos uma tumba coberta por pedras da própria montanha. Meu patrão girou em torno da tumba à procura de um local por onde pudesse entrar, mas não viu senão um buraco que descia para a tumba. Então, ele quis que um dos atiradores descesse à tumba, mas nenhum desceu;

disseram-lhe: “Isso pode ser a toca de algum bicho, um chacal, um tigre ou algum outro animal feroz! Quem teria coragem de descer?” Enquanto conversávamos, passou um pastor de cabras e os atiradores lhe disseram para descer. Ele perguntou: “O que vocês me dão para que eu desça?”, e então o meu patrão lhe ofereceu uma moedinha de prata. Ao vê-la na palma de sua mão, o pastor tirou a roupa de cima e desceu imediatamente. A profundidade da tumba era de um talhe e um palmo. O patrão disse ao pastor: “Procure e dê para mim tudo o que você encontrar na tumba”. O pastor rodou pelo interior da tumba, viu um crânio humano e o entregou a nós, mas era um crânio do tamanho de um melão grande. O patrão nos disse: “Este é um crânio de homem”. Então o pastor nos entregou outro crânio, menor que o primeiro. O patrão disse: “Este é um crânio de mulher”. O patrão supôs que aquela tumba era do governador daquelas terras e daquele país. Então jogou-lhe um saco e lhe disse: “Recolha tudo quanto achar no chão da tumba e me dê”. O pastor juntou tudo o que encontrou e nos entregou; encontramos entre o que ele recolheu uma grande argola plana, que o patrão examinou e viu estar enferrujada, sem que se visse nela nenhuma escrita; também não reconheceu o metal, se ouro, se prata, ou se algum outro, e guardou-a. Finalmente, ele disse ao pastor: “Apalpe as paredes da tumba”, e então o pastor viu uma portinhola na qual havia uma lâmpada semelhante às usadas pelos vendedores de banha, mas o patrão não soube dizer de que metal era feita, e também a guardou e levou consigo. Depois, não tendo encontrado mais nada além disso, o pastor saiu da tumba e seguiu o seu caminho, e nós retornamos em paz à aldeia.